

O COMÉRCIO MINAS GERAIS / CHINA

MINAS GERAIS / CHINA'S TRADE

Ricardo Pinto Rocha¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a relevância das atuais relações comerciais entre a China e o Brasil, notadamente quanto ao Estado de Minas Gerais, destacando a composição das cestas de importações e exportações, através da observação de séries temporais das principais variáveis para a análise estrutural da produção interna desses países e estado, assim como seu comércio internacional. Permite verificar o status da China como principal parceiro comercial de Minas e do Brasil, na atualidade, no contexto brasileiro no grupo dos BRIC's.

PALAVRAS-CHAVE: Comércio Internacional; Economia Regional; Minas Gerais; China.

ABSTRACT

This article aims to analyze the current relevance of trade relationship between China, Brazil and Minas Gerais State, highlighting the composition of imports and exports, throughout time series of relevant variables for structural analysis of domestic production and international trade. Allows checking China's status of main trading partner of Minas Gerais and Brazil, nowadays, on BRIC's group.

KEYWORDS: Foreign Trade; Regional Economy; Minas Gerais; China.

1 – INTRODUÇÃO

Dentre inúmeras questões atualmente discutidas pela sociedade, consta aquela sobre a relevância do comércio com a China. Existe um conceito socialmente disseminado de que as relações exteriores com esse país sejam desfavoráveis ao Brasil, por tratar-se de uma nação que não respeita as liberdades individuais, a ética das relações internacionais e os princípios democráticos.

O objetivo do presente estudo é caracterizar o *status quo* da relação comercial Brasil X China, notadamente no que tange às transações com o estado de Minas Gerais. Cabe, então, questionar qual é a representatividade dessa relação no montante das transações comerciais do estado federativo em questão, tanto pela ótica da oferta quanto da demanda, priorizando seus aspectos macroeconômicos.

¹ Mestre em Economia de Empresas e MBA em Gestão Estratégica de Marketing pela Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais. Graduado em Ciências Econômicas pelo Centro Universitário Newton Paiva. Professor das Faculdades Pitágoras. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1044673272800299>.

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número V Jan-jun 2012	Trabalho 01 Páginas 01-14
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

Pretende-se demonstrar que tal relação comercial, apesar do conceito pré-estabelecido de tratar-se de um enorme risco à competitividade da indústria nacional, constitui-se numa realidade relevante às pretensões do momento econômico atual.

2 – A ECONOMIA CHINESA

Existem algumas dúvidas quanto à caracterização da economia chinesa: é um país comunista, socialista ou capitalista? Recorrendo aos clássicos, podemos afirmar que jamais existiu um país comunista no mundo, uma vez que sua existência estaria aliada ao conceito de ausência absoluta de um poder central – o que não é uma realidade chinesa.

O socialismo, na concepção de Marx (2003), consiste numa etapa de transição entre o capitalismo e o comunismo – também denominada ditadura do proletariado – na qual existe um centro de poder, comandado pela classe trabalhadora, a fim de prevenir que os capitalistas, expulsos do poder, reorganizem-se para tentar retomar sua hegemonia. Ou seja, trata-se de uma etapa intermediária, passageira. O comunismo seria alcançado quando, confirmada a impossibilidade dos capitalistas retomarem o poder, estaria abolido o estado, ou seja, toda forma de planejamento centralizado da economia nacional.

Em resumo, não é tarefa fácil caracterizar a economia chinesa. Não é um país plenamente socialista, muito menos comunista – condição historicamente inexistente. Mas também não é possível denominá-la capitalista. Resta posicioná-la como uma nação economicamente capitalista, mas politicamente socialista. Ou seja, a gestão econômica é centralizada, ficando a cargo do governo as decisões econômicas fundamentais: o quê, quanto e para quem produzir. Por outro lado, existe a propriedade privada dos meios de produção – o que constitui característica fundamental do capitalismo, bem como o empreendedorismo, riscos, investimentos e outros termos que pareceriam exclusivos do mundo capitalista puro.

Segundo o jargão utilizado pelos meios de comunicação, a China é um dos países pertencentes ao BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), ou seja, faz parte

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número V Jan-jun 2012	Trabalho 01 Páginas 01-14
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

do grupo de países ditos emergentes, cujo desempenho econômico tem sido acompanhado de perto pelas nações desenvolvidas. Segundo o FMI (apud OLIVEIRA, 2011), o PIB da China evoluiu 9,2% em 2009, 10,3% em 2010, 9,6% em 2011 e, estima-se, deverá crescer 9,5% em 2012.

Para o mesmo período, as informações sobre o PIB mundial são as seguintes:

Economia Mundial e Projeções do FMI
Varição Percentual Anual em %

PIB - Produto Interno Bruto	2009	2010	2011*	2012*
Mundo	-0,50	5,00	4,40	4,50
Economias Avançadas	-3,40	3,00	2,40	2,60
Estados Unidos	-2,60	2,80	2,80	2,90
Área do Euro	-4,10	1,70	1,60	1,80
Alemanha	-4,70	3,50	2,50	2,10
Itália	-5,20	1,30	1,10	1,30
Espanha	-3,70	-0,10	0,80	1,60
Reino Unido	-4,90	1,30	1,70	2,30
Japão	-6,30	3,90	1,40	2,10
Canadá	-2,50	3,10	2,80	2,60
Economias Emergentes e em desenvolvimento	2,70	7,30	6,50	6,50
Brasil	-0,60	7,50	4,50	4,10
Rússia	-7,80	4,00	4,80	4,50
Índia	6,80	10,40	8,20	7,80
China	9,20	10,30	9,60	9,50

Tabela 1. Fonte: FMI / World Economic Outlook-Abr/2011 apud OLIVEIRA, 2011.

Como é possível verificar, os dados referentes à economia chinesa destacam-se no grupo dos BRIC's e, ainda mais, dentre os dados reais e estimados do mundo. Note-se que as estimativas de crescimento da economia chinesa chamam a atenção, uma vez que, dentre as economias ditas avançadas e dentre o próprio grupo dos BRIC's, as previsões e constatações quanto ao desempenho chinês assumem proporções notáveis.

Para a economia brasileira, o resultado de 2010, em relação a 2009, realmente confirma que o país saiu-se muito bem, em plena crise mundial: após a queda de 0,6% do PIB, apresentada em 2009, foi obtido o "PIBão" de 7,5%, em

2010, nas palavras do então presidente da república. Porém, as previsões econométricas para 2011 não se concretizaram. Ao invés dos 4,5% de crescimento previsto, o país alcançou 2,7% reais. Pode parecer prazeroso obter tal resultado, se confrontado com as informações de outras economias, como a zona do euro. Porém, comparando-se ao das economias emergentes, notadamente aos designados BRIC's, trata-se do pior resultado do grupo – corroborando algumas críticas de que o Brasil não soube surfar adequadamente as ondas de crescimento que o mundo obteve na época das vacas gordas.

A China foi o país que melhores resultados apresentou, seguido pela Índia, conforme a tabela acima. Ao analisar a taxa acumulada de crescimento, na tabela a seguir, verifica-se que, apesar dos excelentes resultados frente ao crescimento mundial, notadamente frente aos EUA e países da zona do euro, o Brasil está muito aquém dos números apresentados pelo grupo dos BRIC's:

Taxa Acumulada de Crescimento do PIB Mundial e de Países Selecionados

1ª Década do Século XXI

	%
Mundo	42,64
Países Desenvolvidos	16,88
Estados Unidos	17,49
Zona do Euro	11,90
Países Emergentes e em Desenvolvimento	83,06
BRIC's	
Brasil	42,31
Rússia	59,49
Índia	107,03
China	170,60

Tabela 2. Fonte: FMI / World Economic Outlook/abr 2011 apud OLIVEIRA (2011)

3 – A ECONOMIA BRASILEIRA, MINEIRA E AS RELAÇÕES COM A CHINA

Conforme apresentado, o Brasil apresentou uma taxa de crescimento compatível com o resto do mundo. Mas, infelizmente, ainda ficou aquém, e muito, da média do crescimento dos países emergentes, tendo configurado como peso negativo no grupo dos BRIC's, dentre os quais apresentou o pior resultado. Cabe ressaltar os excelentes resultados da Índia e da China nesse quesito.

Sendo um dos objetivos deste estudo analisar a participação do estado de Minas Gerais no contexto nacional, é válido ressaltar sua participação no volume total do comércio exterior brasileiro, conforme segue:

**Evolução do PIB-Comparativo
Brasil / Minas Gerais – 2000 - 2010**

Ano	Minas Gerais	Brasil
2000	5,10	4,30
2001	-0,10	1,30
2002	3,70	2,70
2003	1,40	1,20
2004	5,80	5,70
2005	4,00	3,20
2006	3,90	4,00
2007	5,60	6,10
2008	5,20	5,20
2009	-3,10	-0,60
2010	10,90	7,50

Tabela 3. Fonte: OLIVEIRA, 2011.

Também cabe aqui ressaltar os principais destinos e origens do comércio internacional, conforme as informações da tabela seguinte. Nota-se que a China, em 2010, foi o centro das exportações mundiais, com 10,4% de participação, superando os Estados Unidos e os principais países europeus. Cabe observar a distância para os demais países do BRIC, uma vez que a Rússia, a Índia e o Brasil figuram, respectivamente, em 12º, 20º e 22º lugares entre os países exportadores. Nesse aspecto, nota-se que a ideia dos BRIC's como países que têm economias

homogêneas, no que concerne à sua relevância no contexto mundial, não está configurada assim.

2010 - Ranking das Exportações Mundiais - Mercadorias

Classificação	País	Valor (US\$ bilhões)	Participação %
1	China	1.578	10,4
2	Estados Unidos	1.278	8,4
3	Alemanha	1.269	8,3
4	Japão	770	5,1
5	Holanda	572	3,8
6	França	521	3,4
7	Coreia do Sul	486	3,1
8	Itália	448	2,9
9	Bélgica	411	2,9
10	Reino Unido	405	2,7
12	Rússia	400	2,6
20	Índia	216	1,4
22	Brasil	202	1,3

Tabela 4. Fonte: OLIVEIRA, 2011

Ranking das Importações Mundiais - Mercadorias

Classificação	País	Valor (US\$ bilhões)	Participação
1	Estados Unidos	1.968	12,8
2	China	1.395	9,1
3	Alemanha	1.067	6,9
4	Japão	693	4,5
5	França	606	3,9
6	Reino Unido	558	3,6
7	Holanda	517	3,4
8	Itália	484	3,1
9	Hong Kong	442	2,9
10	Coreia do Sul	425	2,8
13	Índia	323	2,1
18	Rússia	248	1,6
20	Brasil	191	1,2

Tabela 5. Fonte: OLIVEIRA, 2011.

É notável a participação da China, tanto no quesito exportação (1ª posição) quanto nas importações mundiais (2ª posição). Ou seja, nesta fase do

capitalismo mundial, no qual as relações internacionais predominam na denominada globalização, a China assume fundamental relevância, tanto pela ótica importadora quanto exportadora. Nesse caso, utilizaram-se somente as informações quanto aos mercados de bens. As informações sobre o mercado de serviços corroboram esses dados (vide sites governamentais, como Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, entre outros).

Em suma, apesar de o Brasil ser, até então, o 22º mais importante país exportador e o 20º mais relevante país importador, nota-se o melhor posicionamento da China – cuja participação relativa e volume de negócios justificam, *per si*, sua eleição como país foco de toda e qualquer estratégia de conquista e fidelização do comércio internacional. Segundo Nóbrega (2012), a China tornou-se o principal parceiro comercial do Brasil e a maior fonte do superávit até então apresentado, notadamente em virtude das commodities agrícolas e minerais.

Cabe, ainda, ressaltar a relevância do estado de Minas Gerais nesse contexto de comércio internacional, buscando seu posicionamento no ranking brasileiro, conforme segue:

Volume da Balança Comercial (X+M) por Estados - 2011

Posição	Estado	US\$ FOB	Participação
1	São Paulo	120.066.083	31,30
2	Minas Gerais	41.189.470	10,74
3	Rio de Janeiro	36.686.177	9,56
4	Rio Grande do Sul	28.662.304	7,47
5	Paraná	28.129.226	7,33
6	Santa Catarina	19.556.318	5,10
7	Espírito Santo	19.548.756	5,10
8	Bahia	15.495.792	4,04
9	Pará	13.983.234	3,65
10	Amazonas	12.174.935	3,17

Tabela 6. Fonte: Oliveira, 2011

Brasil – Exportações 2011

Ranking	Estado	US\$ FOB	Participação %
1	São Paulo	52.293.089	25,9
2	Minas Gerais	31.224.473	15,46
3	Rio de Janeiro	20.022.215	9,92
4	Rio Grande do Sul	15.382.446	7,62
5	Paraná	14.176.010	7,02
6	Pará	12.835.420	6,36
7	Espírito Santo	11.954.295	5,92
8	Bahia	8.886.017	4,4
9	Mato Grosso	8.451.372	4,19
10	Santa Catarina	7.582.027	3,76

Tabela 7. Fonte: OLIVEIRA, 2011.

Brasil Importações – 2011

Ranking	Estado	US\$ FOB	Participação %
1	São Paulo	67.722.994	37,31
2	Rio de Janeiro	16.663.962	9,17
3	Paraná	13.953.216	7,68
4	Rio Grande do Sul	13.279.858	7,31
5	Santa Catarina	11.974.291	6,59
6	Amazonas	11.055.683	6,09
7	Minas Gerais	9.964.997	5,49
8	Espírito Santo	7.594.461	4,18
9	Amazonas	6.609.775	3,64
10	Bahia	4.175.265	2,30

Tabela 8. Fonte: OLIVEIRA, 2011.

Conforme as informações apuradas, o estado de Minas Gerais responde por 10,74% (2º lugar no ranking) do volume da balança comercial brasileira, no ano de 2011, sendo responsável por 15,46% (2º lugar no ranking) das exportações e por 5,49% (7º lugar no ranking) das importações. Ou seja, o estado de Minas Gerais é de extrema representatividade no volume da balança comercial brasileira, principalmente no que concerne ao volume das exportações.

Segundo o modelo keynesiano simplificado (Keynes, 1996), no qual a renda nacional consiste na soma do consumo agregado, investimento, gastos governamentais e saldo da balança comercial (X-M), é perceptível a representatividade do estado de Minas Gerais como um estado positivamente

representativo no volume das exportações, enquanto adquire status economicamente equilibrado quanto às importações. Ou seja, trata-se de um estado que apresenta superávit considerável em sua balança comercial – contribuindo positivamente para o resultado Brasil, conforme segue.

Saldo da Balança Comercial por Estado - 2011

Ranking	Estado	US\$ FOB
1	Minas Gerais	21.259.476
2	Pará	11.687.607
3	Mato Grosso	7.462.405
4	Espírito Santo	4.359.834
5	Rio de Janeiro	3.358.258
6	Bahia	2.276.242
7	Rio Grande do Sul	2.102.588
8	Alagoas	723.549
9	Amapá	303.831
10	Paraná	222.794

Tabela 9. Fonte: OLIVEIRA, 2011.

As tabelas seguintes apresentam os dez produtos mais importantes nas cestas de exportação e importação brasileiras, no ano de 2010. Observa-se, no caso das exportações, o destaque para as commodities minerais e agrícolas, além da ausência dos bens de capital e de produtos de valor agregado significativo.

Brasil - Principais Produtos Exportados – 2010

Posição	Produto	US\$ mil FOB	Participação %
1	Minério de ferro - não aglomerados	21.353,90	10,6
2	Óleos brutos de petróleo	16.293,20	8,1
3	Outros grãos de soja, mesmo triturados	11.035,20	5,5
4	Açúcar de cana em bruto	9.308,90	4,6
5	Minério de ferro aglomerados	7.558,00	3,7
6	Café não torrado, não descaf., em grão	5.181,80	2,6
7	Bagaços/outros extrat. Óleo de soja	4.672,70	2,3
8	Pasta de madeira	4.430,50	2,1
9	Pedaços e miudezas de galos, galinhas	3.530,80	1,8
10	Outros açúcares de cana etc	3.454,80	1,7

Tabela 10. Fonte: Adaptado de OLIVEIRA, 2011.

As informações acerca dos principais produtos importados, no ano de 2010, registram a forte participação de matérias-primas industriais, combustíveis e automóveis, dentre outros. Cabe salientar que registramos aqui somente os dez produtos mais relevantes no conjunto das importações e exportações brasileiras. A lista completa pode ser consultada no site do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio.

Brasil - Principais Produtos Importados – 2010

Posição	Produto	US\$ mil FOB	Participação %
1	Óleos brutos de petróleo	16.847,40	5,6
2	Óleo diesel	5.131,10	2,8
3	Automóveis 1500 cm3	4.928,40	2,7
4	Naftas para petroquímica	3.246,40	1,8
5	Partes p/apar. recept. rádio/televisão	2.694,80	1,5
6	Outros cloretos de potássio	2.203,80	1,2
7	Hulha betuminosa não-aglomerada	2.150,10	1,2
8	Gás natural em estado gasoso	2.132,10	1,2
9	Catodos de cobre	1.884,90	1,0
10	Trigo	1.521,20	0,8

Tabela 11. Fonte: Adaptado de OLIVEIRA (2011).

Segundo Ariadne (2012), Minas Gerais respondeu por 12,5% do agronegócio brasileiro, no ano de 2011. Porém, o estado cresceu apenas 1,7% naquele ano, enquanto o Brasil cresceu 5,7%. Dentre os principais produtos agrícolas exportados em 2011, constam o milho, algodão e cana-de-açúcar. Apesar da queda na produção cafeeira, os preços tiveram crescimento de 52,3%, compensando a renda dos produtores.

A seguir, a evolução da balança comercial do Estado de Minas Gerais, de 2001 a 2010, destacando-se os resultados desse último ano, com o melhor resultado da década, tanto pela ótica das exportações quanto pelo saldo final – o que posicionou o estado no primeiro lugar nacional, naquele ano, com quase o dobro do saldo do segundo colocado, o Pará, conforme a tabela 9 apresentou.

Como o estado demonstra um perfil prioritariamente exportador – o que merece uma confirmação histórica, não contemplada aqui, apesar do quadro

seguinte – conclui-se que sua situação favorece notadamente os resultados nacionais.

Minas Gerais - Evolução da Balança Comercial
Em US\$ 1.000 - FOB

Ano	Exportações	Importações	Saldo
2001	6.059.713	3.001.478	3.058.235
2002	6.353.219	2.514.952	3.838.267
2003	8.440.403	2.431.952	6.008.451
2004	10.007.225	2.987.333	7.019.892
2005	13.514.972	3.935.679	9.579.293
2006	15.658.215	4.858.644	10.799.571
2007	18.355.153	6.504.847	11.850.306
2008	24.444.432	10.483.318	13.961.114
2009	19.517.677	7.350.815	12.166.862
2010	31.224.473	9.964.997	21.259.476

Tabela 12. Fonte: OLIVEIRA (2011)

Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (2012), a China foi responsável por 29,73% das exportações mineiras, no ano de 2010, com US\$ 9.284.574.234 (FOB), ficando o Japão com o segundo lugar, com 8,03% - apesar do comprometimento causado pelos fenômenos naturais que recentemente arrasaram essa nação - equivalentes a US\$ 2.507.847.447 (FOB). Cabe destacar a enorme distância entre essas posições, o que coloca a China como principal parceiro comercial do estado de Minas Gerais, naquele ano.

Quanto às importações, a China é a terceira nação que mais vende para o estado, representando 13,23% do total, em 2010; perdendo apenas para os Estados Unidos (15,22%) e para a Argentina (14,36%).

Mesmo que as previsões relatadas por Daltro (2012) se concretizem, com a decisão do governo chinês de reduzir os investimentos em construção e infraestrutura, (o que reduziria as exportações brasileiras de minério de ferro, entre outros); vislumbra-se um ciclo de desenvolvimento que melhorará o consumo das famílias chinesas – hoje responsáveis por somente 33% do PIB. Caso seja concretizada, as perdas da construção civil poderiam ser compensadas pelo

aumento das exportações brasileiras de commodities agrícolas. O Brasil e, notadamente, o estado de Minas Gerais, precisam estar preparados para isso.

Quanto às principais cidades mineiras que foram destaque, no ano de 2010, no comércio mundial, segue o ranking das dez mais representativas, pelo valor comercializado, chamando a atenção para os municípios exportadores, caracteristicamente relacionados à extração mineral. Mas também constam municípios notáveis pela produção industrial, como Betim e Juiz de Fora.

Minas Gerais - Exportações FOB
Principais Municípios - 2010

Posição	Município	US\$
1	Itabira	6.020.676.117
2	Ouro Preto	3.976.718.756
3	Varginha	1.706.945.125
4	Nova Lima	1.651.315.936
5	Araxá	1.548.957.084
6	Betim	1.401.522.883
7	Ouro Branco	1.018.877.218
8	Belo Oriente	710.735.836
9	Paracatu	598.161.150
10	Juiz de Fora	543.454.794

Tabela 13. Fonte: OLIVEIRA, (2011)

Minas Gerais - Importações - FOB
Principais Municípios - 2010

Posição	Município	US\$
1	Betim	1.723.671.258
2	Juiz de Fora	898.161.150
3	Belo Horizonte	801.046.043
4	Ipatinga	785.905.839
5	Uberaba	767.265.303
6	Contagem	715.476.595
7	Sete Lagoas	663.908.700
8	Ouro Branco	417.699.401
9	Itajubá	241.386.804
10	Três Corações	196.064.022

Tabela 14. Fonte: OLIVEIRA (2011)

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo consistiu em demonstrar que a China é de fundamental importância nos resultados da balança comercial do estado de Minas Gerais e, conseqüentemente, do Brasil. As informações disponibilizadas pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, além de alguns artigos aqui citados, corroboram a relevância daquele país para os resultados nacionais. Não cabe aqui qualquer reflexão quanto às enormes diferenças culturais, uma vez que os números, frios como são, bastam para confirmar a urgência na eleição da China como nosso principal parceiro comercial – oportunizando amplas relações que sejam vantajosas para que o Brasil alcance e supere suas metas de crescimento econômico para os próximos anos.

Portanto, as discussões acerca de criar restrições à importação dos produtos chineses, às vezes considerados de baixa qualidade e com risco potencial de prejuízo à indústria nacional, não devem ser levadas à tomada de decisões políticas irrefletidas, uma vez que conflitos com o principal parceiro comercial do Brasil, neste momento, em nada ajudariam as pretensões de crescimento e desenvolvimento de ambos.

5 – REFERÊNCIAS

ARIADNE, Queila. Minas tem 12,5% do Agronegócio de todo o Brasil. *O Tempo*. Belo Horizonte, 15 mar. 2012. Caderno de Economia, p. 13.

DALTRO, Ana Luiza. Uma China menos China? *Veja*. São Paulo, nº 11, Ed. 2260, p.82. 14 mar. 2012.

DESENVOLVIMENTO, Indústria e Comércio Exterior, Ministério do. *Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet – ALICE-Web*. Disponível em: <http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em 09 de março de 2012.

KEYNES, John Maynard. *Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número V Jan-jun 2012	Trabalho 01 Páginas 01-14
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

NÓBREGA, Mailson da. A China, a Embrapa e o Passado. *Veja*. São Paulo, nº 8, ed. 2257, p. 20. 22 fev. 2012.

OLIVEIRA, Carlos Alberto Teixeira de. Uma Abordagem à Economia Internacional, Brasileira e Mineira. *Mercado Comum*. Belo Horizonte, ed. 216, p. 18-80, abr/mai 2011.